



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO OBJETO LÚDICO, AFETIVO E CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Paula Alencar¹
Glenda Silva Ramos²
Lívia Tavares Carneiro³
Lúcia Maria Bezerra Viera⁴
Raiziana Mary de Oliveira Zurra⁵
Ronan Auanario Cacau⁶

RESUMO

O artigo tem como tema a contação de histórias como prática lúdica, afetiva e cultural na Educação Infantil, investigando como essa prática contribui para o desenvolvimento integral das crianças. O problema central analisado foi: de que forma a contação de histórias pode favorecer vínculos afetivos, estimular a imaginação e promover a valorização da cultura na primeira infância? O objetivo do estudo desvela os impactos da contação de histórias como ferramenta pedagógica que articula o lúdico, o afeto e a identidade cultural das crianças. A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, por meio de revisão bibliográfica e observações em contextos escolares da Educação Infantil, com registros de práticas pedagógicas envolvendo a narração de histórias. Os resultados apontam que a contação de histórias favorece a escuta ativa, fortalece os laços entre educadores e educandos, além de possibilitar a construção de repertórios culturais diversos. Conclui-se que essa prática é uma importante aliada na formação sensível e crítica das crianças, ampliando suas formas de expressão, pertencimento e desenvolvimento emocional. O estudo reafirma a importância da presença do conto oral e da literatura infantil regionalizada como meios potentes de educação e humanização na infância do amazônica.

¹ Ana Paula Alencar, graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – CEST/UEA, Bolsista do Subprojeto Pedagogia – PIBID/CAPES/PROGRAD, apa.ped23@uea.edu.br;

² Glenda Silva Ramos, graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – CEST/UEA, Bolsista do Subprojeto Pedagogia – PIBID/CAPES/PROGRAD, gsr.ped23@uea.edu.br;

³ Lívia Tavares Carneiro, graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – CEST/UEA, Bolsista do Subprojeto Pedagogia – PIBID/CAPES/PROGRAD, ltc.ped24@uea.edu.br;

⁴ Ronan Auanario Cacau, graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – CEST/UEA, Bolsista do Subprojeto Pedagogia – PIBID/CAPES/PROGRAD, rac.ped25@uea.edu.br;

⁵ Lúcia Maria Vieira, professora supervisora do Subprojeto Pedagogia – PIBID/CAPES/PROGRAD. Universidade do Estado do Amazonas-UEA, xodo2014@outlook.com.

⁶ Raiziana Mary de Oliveira Zurra, professora Dra. da Universidade do Estado do Amazonas – CEST/UEA. Coordenadora de área do Subprojeto Pedagogia – PIBID/CAPES/PROGRAD. Universidade do Estado do Amazonas – UEA, rzurra@hotmail.com



Palavras-chave: Educação Infantil, Contação de Histórias, Ludicidade, Afetividade, Cultura.

INTRODUÇÃO

A contação de histórias ocupa um papel fundamental na Educação Infantil, pois vai muito além do simples entretenimento: é uma prática educativa que articula ludicidade, afeto e cultura em um mesmo ato pedagógico. Desde os tempos antigos, o ato de narrar histórias constitui uma das formas mais significativas de comunicação e de transmissão de saberes, valores e experiências. No contexto educacional contemporâneo, a contação de histórias ressurge como um recurso potente de ensino, capaz de despertar o interesse e o envolvimento das crianças de maneira criativa, afetiva e significativa. Por meio dela, o imaginário infantil é estimulado, a linguagem é ampliada e a formação integral da criança é fortalecida.

A prática de contar histórias contribui para o desenvolvimento das dimensões cognitivas, emocionais, sociais e culturais da criança, favorecendo o aprendizado de forma prazerosa e espontânea. Quando o educador narra uma história com emoção, gestos e expressividade, ele cria um espaço de escuta sensível, capaz de gerar vínculos afetivos e fortalecer a confiança entre ele e seus alunos. Nesse processo, as crianças são convidadas a imaginar, refletir, se expressar e interpretar o mundo que as cerca, ampliando seus horizontes de compreensão e suas formas de convivência. A contação de histórias, portanto, é uma ferramenta de humanização, que desperta sentimentos, preserva memórias e promove o encontro entre o eu e o outro.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reconhece essa prática como essencial para o desenvolvimento da oralidade, da imaginação e da identidade cultural da criança. No campo de experiência “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”, a BNCC destaca que o contato com narrativas literárias possibilita à criança ampliar seu repertório linguístico e simbólico, fortalecendo sua capacidade de escuta, expressão e convivência. Além disso, a contação de histórias está diretamente relacionada aos seis direitos de aprendizagem previstos no documento, conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, os quais se manifestam de forma natural e integrada durante a narração de histórias.

O presente artigo tem como tema “A contação de histórias como prática lúdica, afetiva e cultural na Educação Infantil”, e busca compreender como essa prática contribui para o desenvolvimento integral das crianças, favorecendo vínculos afetivos, estimulando a



imaginação e promovendo a valorização da cultura na primeira infância. A escolha do tema surgiu a partir da observação de **práticas pedagógicas** que evidenciam o interesse das crianças por narrativas orais e pela maneira como elas se envolvem emocionalmente com as histórias contadas. Assim, a pesquisa justifica-se pela relevância da contação de histórias como ferramenta formativa e humanizadora, que integra a emoção, o pensamento e a cultura no processo educativo.

A metodologia adotada seguiu uma abordagem qualitativa, com observações e registros realizados no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola municipal de Educação Infantil. O estudo envolveu momentos de planejamento, execução e análise de atividades de contação de histórias, utilizando registros escritos, audiovisuais e reflexões coletivas entre os bolsistas participantes. As observações foram analisadas de forma descriptiva e interpretativa, buscando compreender as manifestações afetivas, simbólicas e culturais presentes nas experiências das crianças durante as narrativas. Os resultados evidenciaram que a contação de histórias favorece a escuta ativa, a imaginação criadora e o desenvolvimento da empatia, além de fortalecer os vínculos afetivos entre educadores e educandos. Também foi possível observar que as narrativas orais ampliam o repertório cultural das crianças, valorizando suas identidades e permitindo a construção de novos sentidos sobre si mesmas e sobre o mundo ao seu redor. Dessa forma, as histórias se consolidam como um instrumento pedagógico essencial, que une emoção e conhecimento, promovendo o desenvolvimento integral e humanizado das crianças.

Conclui-se, portanto, que a contação de histórias deve ser valorizada como uma prática constante na Educação Infantil, pois contribui para a formação de sujeitos sensíveis, criativos e críticos. Além de potencializar a aprendizagem, essa prática reafirma o papel da escola como espaço de cultura, afeto e imaginação, em que o ato de narrar e ouvir histórias se torna um caminho de descoberta e pertencimento.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo segue uma abordagem qualitativa, com caráter descriptivo e exploratório, voltada à compreensão dos significados atribuídos às práticas de contação de histórias no contexto da Educação Infantil. De acordo com Minayo (2010), a pesquisa qualitativa preocupa-se mais com o universo dos significados, crenças e valores do



que com a mensuração numérica dos fenômenos, buscando interpretar a realidade de forma profunda e contextualizada. Dessa forma, optou-se por uma investigação que privilegia a experiência, a observação e o diálogo com o cotidiano escolar. O estudo foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em parceria com a Escola Municipal de Educação Infantil Professor Calisto Pereira Cavalcante, localizada no município de Tefé - AM. A escolha desse espaço ocorreu em razão da sua relevância como campo de formação prática de licenciandos e pela presença de um ambiente rico em experiências pedagógicas relacionadas à oralidade e ao lúdico.

A pesquisa foi estruturada em três etapas principais: planejamento, execução e análise. Na fase de planejamento, foram realizadas reuniões com o grupo de bolsistas para a definição dos objetivos, seleção dos contos e elaboração das estratégias de contação de histórias. Também foram estudados autores e referenciais teóricos que fundamentam a prática narrativa na Educação Infantil, como Vygotsky (1998), Benjamin (1994) e Kishimoto (2007), entre outros.

Na etapa de execução, foram promovidas atividades pedagógicas de contação de histórias com turmas da Educação Infantil, conduzidas de forma lúdica e interativa. Os encontros incluíram momentos de narração oral e reconto coletivo, estimulando a imaginação e a participação das crianças. Durante as ações, os bolsistas assumiram o papel de mediadores da aprendizagem, buscando observar e registrar as reações, falas, expressões e interações das crianças com as narrativas apresentadas. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: Registros escritos, contendo descrições detalhadas das observações realizadas durante as atividades; Registros audiovisuais (fotografias e pequenos vídeos) das práticas de contação, com o intuito de documentar expressões e momentos significativos.

Na terceira etapa, dedicada à análise dos dados, as informações foram organizadas em categorias analíticas relacionadas aos eixos ludicidade, afetividade e cultura, a fim de compreender como a contação de histórias contribui para o desenvolvimento integral das crianças. As observações foram interpretadas à luz dos referenciais teóricos estudados, permitindo uma leitura crítica e reflexiva sobre as práticas pedagógicas observadas.

Assim, a metodologia deste artigo não se restringe a uma simples descrição de atividades, mas configura-se como um processo de investigação formativa, em que os sujeitos



envolvidos, educadores, bolsistas e crianças, são compreendidos como coautores de experiências de aprendizagem e de pesquisa! Essa abordagem reafirma o compromisso ético e pedagógico da contação de histórias como prática que promove o encontro entre teoria e vivência, ensino e sensibilidade, conhecimento e afeto.

REFERENCIAL TEÓRICO

A contação de histórias é uma prática ancestral e pedagógica que acompanha a humanidade desde seus primórdios, sendo um dos mais antigos modos de ensinar e aprender. No contexto da Educação Infantil, ela assume um papel de extrema relevância, pois articula o lúdico, o afetivo e o cultural em um mesmo processo formativo. Contar histórias é mais do que narrar fatos ou entreter, é um ato simbólico que desperta emoções, constrói memórias e fortalece vínculos sociais e afetivos.

De acordo com Vygotsky (1998), o desenvolvimento da criança ocorre a partir das interações sociais e culturais que ela vivencia, sendo a linguagem um dos principais mediadores desse processo. Assim, ao escutar uma história, a criança não apenas amplia seu vocabulário, mas também constrói significados sobre o mundo e sobre si mesma. O autor destaca que o brincar e a imaginação são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e emocional, pois criam um espaço simbólico onde a criança pode agir além de seu comportamento habitual. Em suas palavras “O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança; no brinquedo, ela sempre se comporta além do seu comportamento habitual, como se fosse maior do que é na realidade.” (VYGOTSKY, 1998, p. 117).

Essa concepção vygotskiana ajuda a compreender a contação de histórias como uma forma de brincadeira simbólica, em que o faz de conta se torna um instrumento pedagógico poderoso. Quando a criança imagina, interpreta e recria o enredo, ela vivencia experiências que ultrapassam os limites da realidade, desenvolvendo habilidades linguísticas, cognitivas e emocionais. Assim, a história narrada atua como mediadora entre o pensamento e a linguagem, proporcionando aprendizagens significativas e afetivas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reconhece que as práticas narrativas são fundamentais no campo de experiência “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”, pois permitem que as crianças ampliem seu repertório cultural, construam hipóteses sobre a



linguagem e expressem suas emoções e ideias. A contação de histórias, nesse sentido, torna-se uma ferramenta de integração entre o brincar, o aprender e o conviver, dimensões essenciais para a formação integral da criança. Segundo Kishimoto (2007), o lúdico é uma linguagem própria da infância, e deve ser compreendido como meio e não como mero recurso auxiliar. A autora afirma:

O lúdico é uma linguagem fundamental da criança, por meio da qual ela expressa desejos, sentimentos e constrói conhecimentos. Privá-la dessa forma de expressão é negar-lhe a oportunidade de compreender o mundo segundo sua própria lógica. (KISHIMOTO, 2007, p. 30).

Dessa forma, a contação de histórias, ao unir ludicidade e oralidade, torna-se um espaço privilegiado de aprendizagem. As crianças, ao ouvirem narrativas, interagem com símbolos, personagens e situações que refletem seus próprios sentimentos e experiências. Isso favorece a construção da autonomia, da empatia e da imaginação criadora, aspectos essenciais para o desenvolvimento humano.

No campo cultural, a contação de histórias atua como uma ponte entre o passado e o presente. As histórias populares, os contos tradicionais e as narrativas regionais são expressões de identidades coletivas e carregam valores, crenças e saberes que constituem a memória social de um povo. Nesse sentido, Walter Benjamin (1994) destaca a importância da tradição oral na formação do sujeito e da cultura, ao afirmar:

A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa apenas transmitir o puro em si da coisa narrada, mas mergulha a história na vida do narrador, para em seguida retirá-la de novo. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Benjamin (1994) nos mostra que o narrador é um mediador entre a experiência e a sabedoria coletiva. Ao contar histórias, o professor-narrador empresta sua voz, suas memórias e sua sensibilidade para dar vida às palavras, transformando o ato de ensinar em um encontro afetivo e cultural. A criança, por sua vez, não é uma espectadora passiva, mas um sujeito ativo que interpreta, questiona e reconstrói os sentidos do que ouve.



Nesse mesmo horizonte, Abrahão (2011) enfatiza que o ato de contar histórias é também um ato de resistência cultural, pois mantém vivas as tradições e memórias da comunidade. Ela ressalta:

Contar histórias é mais do que entreter. É um ato de resistência cultural, de preservação da memória e de construção do imaginário coletivo. Na escuta da narrativa, a criança se apropria de valores, símbolos e afetos que constituem sua identidade. (ABRAHÃO, 2011, p. 92).

Essa afirmação reforça a ideia de que a contação de histórias cumpre uma função social, ajudando a preservar a identidade cultural das crianças e fortalecendo o sentimento de pertencimento. Cada narrativa traz consigo o modo de ver e sentir o mundo de um grupo, e, ao compartilhá-la, o educador possibilita à criança o acesso a diferentes universos culturais.

Além da dimensão cultural e simbólica, a literatura infantil também possui um papel formativo essencial. Para Antônio Cândido (2004), a literatura é uma necessidade humana, pois contribui para a formação moral e emocional do indivíduo. Ele afirma: “A literatura, em qualquer de suas formas, é uma necessidade universal que forma o espírito e humaniza o indivíduo. Ela dá à pessoa um sentimento de solidariedade com o outro e com o mundo.” (CANDIDO, 2004, p. 178).

A contação de histórias, ao promover o encontro entre o imaginário literário e a sensibilidade infantil, cumpre esse papel humanizador que Cândido descreve. Ao ouvir histórias, as crianças desenvolvem empatia, aprendem a lidar com emoções e reconhecem valores éticos e sociais presentes nas narrativas. Essa experiência simbólica possibilita uma educação mais sensível e integral.

Por fim, Oliveira (2008) destaca que a narrativa oral, quando inserida nas práticas pedagógicas, contribui para a construção do sujeito e para o desenvolvimento de competências linguísticas, sociais e afetivas. Em suas palavras “A criança que ouve histórias frequentemente tende a desenvolver maior capacidade de expressão, organização do



pensamento e empatia. As narrativas orais, portanto, são instrumentos de formação da linguagem e da identidade.” (OLIVEIRA, 2008, p.45).

Essa reflexão sintetiza a importância da contação de histórias como prática que une linguagem, cultura e afeto. Ao narrar, o educador oferece um espaço de escuta e diálogo, em que o aprendizado acontece de maneira simbólica, prazerosa e significativa. Assim, a contação de histórias deve ser compreendida como um instrumento pedagógico essencial para a formação integral da criança, pois articula emoção, imaginação e cultura em um mesmo movimento de aprendizagem.

Em síntese, estes estudos fundamenta-se na concepção de que a contação de histórias é uma prática pedagógica que potencializa o desenvolvimento infantil por meio da afetividade, da ludicidade e da valorização cultural. Essa abordagem, amparada por teóricos como Vygotsky, Benjamin, Kishimoto, Cândido, Abrahão e Oliveira, reforça que o ato de narrar é, antes de tudo, um ato de humanização e de encontro entre saberes, experiências e sentimentos que formam o sujeito desde a infância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das observações realizadas no contexto da Educação Infantil, durante as ações de contação de histórias promovidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível sistematizar os resultados em três categorias analíticas:

- A afetividade como mediadora da aprendizagem;
- A ludicidade como linguagem da infância;
- A cultura como elemento formador da identidade infantil.

Essas categorias emergiram da análise dos registros escritos, audiovisuais e reflexivos produzidos pelos bolsistas e educadores durante as práticas narrativas desenvolvidas com as crianças.

A AFETIVIDADE COMO MEDIADORA DA APRENDIZAGEM





Durante as atividades de contação de histórias, foi perceptível o impacto afetivo que o ato de narrar exerce sobre as crianças. As expressões faciais, os gestos e a entonação de voz do educador despertaram nelas empatia, curiosidade e encantamento. Em vários momentos, observou-se que as crianças se aproximavam fisicamente do contador de histórias, demonstrando vínculo, confiança e identificação com o enredo e com o narrador.

Essa observação corrobora com Vygotsky (1998), ao afirmar que o desenvolvimento humano é construído nas relações sociais mediadas pela linguagem e pela afetividade. O autor enfatiza que “O aprendizado desperta processos internos de desenvolvimento que só operam quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e com seus pares.” (VYGOTSKY, 1998, p. 94).

A partir desse ponto de vista, a contação de histórias se configura como um espaço de encontro emocional, no qual o afeto torna-se condição essencial para a aprendizagem. As histórias funcionaram como pontes afetivas, permitindo que emoções como medo, alegria e saudade fossem expressas por meio das narrativas. Esse resultado reforça a ideia de que o afeto, aliado à palavra, humaniza o processo educativo, transformando o ambiente escolar em um espaço de escuta e pertencimento.

A LUDICIDADE COMO LINGUAGEM DA INFÂNCIA

Outra categoria identificada foi a ludicidade, elemento central da infância e da prática pedagógica. As atividades de contação de histórias estimularam o imaginário das crianças, que reagiam com entusiasmo e espontaneidade às situações narradas. Muitas reproduziam falas dos personagens, dramatizavam trechos ou inventavam novos finais, revelando a potência criadora que o lúdico desperta. Essas observações confirmam que o brincar e a imaginação estão intimamente ligados à contação de histórias, pois ambas as práticas promovem a autonomia intelectual e emocional das crianças. A ludicidade favorece o aprendizado ativo, no qual o aluno não é mero ouvinte, mas participante do enredo, interagindo com gestos, sons e expressões.

A CULTURA COMO ELEMENTO FORMADOR DA IDENTIDADE INFANTIL



A terceira categoria analítica refere-se à dimensão cultural da contação de histórias. As narrativas trabalhadas abordaram **histórias regionais**, conectando as crianças à sua realidade social e à valorização da diversidade. As reações das crianças diante dessas narrativas mostraram o reconhecimento de elementos de sua própria cultura, como sotaques, costumes e expressões familiares.

Abrahão (2011) defende que a contação de histórias é uma forma de preservação da memória e de resistência cultural. Em suas palavras “Contar histórias é um ato de resistência cultural, de preservação da memória e de construção do imaginário coletivo. Na escuta da narrativa, a criança se apropria de valores, símbolos e afetos que constituem sua identidade.” (ABRAHÃO, 2011, p. 92).

Esse entendimento foi perceptível nas práticas analisadas: as histórias permitiram que as crianças se reconhecessem como parte de uma cultura viva e plural. O contato com contos e lendas contribuiu para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e respeito à diversidade cultural.

Dessa forma, a contação de histórias é compreendida como um espaço de diálogo entre gerações, em que a palavra se transforma em instrumento de formação ética e cultural. Ao vivenciar narrativas que refletem valores e tradições, as crianças aprendem a respeitar o outro e a reconhecer a importância das suas próprias raízes.

Os resultados obtidos demonstram que a contação de histórias, quando planejada com intencionalidade pedagógica, atua como prática que integra emoção, imaginação e cultura. A afetividade fortalece os laços humanos e favorece a aprendizagem; a ludicidade amplia o engajamento e o prazer de aprender; e a cultura garante o reconhecimento da identidade e da diversidade.

Esses três eixos dialogam diretamente com os direitos de aprendizagem da BNCC (2017), conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, evidenciando que a contação de histórias contribui de maneira concreta para o desenvolvimento integral das crianças. Além disso, a análise dos achados empíricos revelou que as histórias promovem não apenas aprendizagens cognitivas, mas também transformações afetivas e sociais. O ato de





narrar e ouvir histórias mostrou-se uma experiência que humaniza o ensino, fortalece vínculos e desperta nas crianças a capacidade de imaginar e se colocar no lugar do outro.

Assim, os resultados confirmam que a contação de histórias é uma ferramenta pedagógica essencial na Educação Infantil, pois une ensino e sensibilidade, teoria e prática, palavra e afeto, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, criativos e culturalmente conscientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias revelou-se, ao longo desta pesquisa, como uma prática pedagógica potente, capaz de unir ludicidade, afeto e cultura em um mesmo processo educativo. Os resultados demonstraram que, mais do que um simples recurso de entretenimento, contar histórias constitui um ato de humanização e de formação integral, pois desperta emoções, promove vínculos e favorece o desenvolvimento cognitivo, social e cultural das crianças na Educação Infantil.

A análise das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) evidenciou que a contação de histórias é um espaço privilegiado de interação e escuta, no qual o professor assume o papel de mediador cultural, conduzindo as crianças por caminhos de imaginação, reflexão e descoberta. Esse contato com o universo simbólico da narrativa possibilita que a criança compreenda melhor o mundo, reconheça suas próprias emoções e se perceba como parte de uma cultura viva e diversa.

Do ponto de vista pedagógico, observou-se que a contação de histórias contribui para o fortalecimento dos laços afetivos entre educadores e educandos, estimulando o senso de pertencimento e a empatia. As experiências analisadas mostraram que as histórias funcionam como pontes entre a realidade e a fantasia, entre o conhecimento e a sensibilidade, permitindo à criança expressar sentimentos, resolver conflitos e desenvolver-se de maneira integral.

Esses resultados reforçam os pressupostos teóricos discutidos por Vygotsky (1998), que destaca o papel da linguagem e da interação social no desenvolvimento infantil, e por Kishimoto (2007), que comprehende o lúdico como a principal linguagem da criança. Do mesmo modo, confirmam a visão de Benjamin (1994) e Abrahão (2011) sobre a importância cultural da narração oral como prática de preservação da memória e transmissão de saberes.



Assim, o estudo evidencia que o ato de narrar é, ao mesmo tempo, um gesto pedagógico e um gesto humano, que educa, sensibiliza e conecta gerações.
IX Seminário Nacional do PIBID

Em termos de aplicação prática, o estudo reafirma que a contação de histórias deve ser incorporada de forma sistemática e intencional ao currículo da Educação Infantil, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Essa prática atende aos seis direitos de aprendizagem, conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, e se mostra uma estratégia eficaz para o desenvolvimento da oralidade, da imaginação e da identidade cultural das crianças.

No campo científico, esta pesquisa contribui para o debate sobre a importância das metodologias sensíveis e humanizadoras na formação das crianças e dos futuros professores. Ao demonstrar o valor educativo da contação de histórias, o estudo aponta para a necessidade de novas pesquisas que aprofundem essa temática, explorando, por exemplo, o uso da narração em contextos inclusivos, a contação de histórias digitais e sua relação com a alfabetização emocional e cultural das crianças.

Portanto, conclui-se que a contação de histórias é muito mais do que uma prática pedagógica: é um ato de encontro, escuta e afeto. Ela ensina sem impor, emociona sem constranger e forma sem endurecer. Ao narrar histórias, o educador oferece à criança não apenas palavras, mas também o poder de imaginar, sentir e transformar o mundo à sua volta. Por isso, reafirma-se que o ato de contar histórias deve ser reconhecido e valorizado como um dos pilares da educação infantil contemporânea, uma prática que, ao mesmo tempo que educa, também humaniza. A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do resumo.

REFERÊNCIAS





ABRAHÃO, Maria das Graças. **Histórias e memórias: a oralidade na educação infantil.**

São Paulo: *Encontro Nacional das Licenciaturas IX Seminário Nacional do PIBID Cortez, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem.** In: **Vários escritos.** 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

